



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

LAÍZA TAMIRES SOUSA BARROS

**LEITURA SOBRE A OBRA AMADIANA: APONTAMENTOS E REFLEXÕES SOBRE
JUBIABÁ**

**CAMPINA GRANDE- PB
2017**

LAÍZA TAMIRES SOUSA BARROS

**LEITURA SOBRE A OBRA AMADIANA: APONTAMENTOS E REFLEXÕES SOBRE
JUBIABÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de Artigo apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa.

Orientadora: Professora Dra Ana Lúcia M de Souza Neves.

**CAMPINA GRANDE-PB
2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B2771 Barros, Laiza Tamires Sousa
Leitura sobre a obra amadiana [manuscrito] : apontamentos e reflexões sobre Jubiabá / Laiza Tamires Sousa Barros. - 2017.
31 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação: Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Sousa Neves, Departamento de Letras e Artes".

1. Análise literária 2. Literatura brasileira 3. Leitura I.
Título.

21. ed. CDD 801.95

LAIZA TAMIRES SOUSA BARROS

LEITURA SOBRE A OBRA AMADIANA: APONTAMENTOS E REFLEXÕES
SOBRE JUBIABÁ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de título de Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, pelo Departamento de Letras e Artes do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovada em: 11/08/2017.

BANCA EXAMINADORA

<u>Ana Lúcia Maria de Souza Neves</u>	9.0
Prof. Dr ^a Ana Lúcia Maria de Souza Neves- UEPB (Orientadora)	
<u>Rosângela Maria Soares de Queiroz</u>	9.0
Prof. Dr ^a Rosângela Maria Soares de Queiroz- UEPB (Examinadora)	
<u>Virna Lúcia Cunha de Farias</u>	9.0
Prof. Dra. Virna Lúcia Cunha de Farias IFPB (Examinadora)	

CAMPINA GRANDE-PB
2017

A meus pais e ao meu marido, por todo
companheirismo e apoio.

AGRADECIMENTOS

Chegamos, finalmente, ao esperado dia. O dia em que tudo parece se tornar oficial. Este é o momento em que anos de estudos parecem se concretizar. Não à toa ficamos tão felizes e ansiosos, medrosos, também, pois o encerramento de um ciclo implica, diretamente, no início de outro, e começar é tão difícil quanto terminar. No entanto, espero ter chegado aqui com êxito. Hoje, espero me tornar oficialmente professora, profissão que escolhi com amor e afeto e que espero cumprir, pelos anos que me aguardam, preservando todo o bom sentimento da escolha, mesmo ciente de que não será fácil.

Para este momento reservo todos os meus agradecimentos a Deus, Aquele que me segurou por todos esses anos, que me protegeu do momento que tomara o ônibus ao momento em que em casa chegava.

Agradeço com o mesmo amor aos meus pais, por serem tão bons comigo e por terem me dado a chance de viver cada sonho. Alargo os agradecimentos aos meus irmãos e sobrinhos que tanto amo.

Não poderia dedicar menor gratidão ao meu marido. Daniel se mostrou um verdadeiro companheiro desta jornada, suportando todos os meus desabafos e cansaços, mesmo distantes nunca estivemos separados.

Sou grata à minha orientadora, Ana Lúcia, pelas indicações, e aos membros da banca, Virna Farias e Rosângela Maria, pela disponibilidade, leitura e as considerações que serão feitas que, com certeza, serão valiosas e enriquecedoras para o desenvolvimento da minha vida acadêmica.

Concluo, agradecendo à amiga Hingrid, companheira de curso e de vida, que amo com veemência e a Lidianne uma grande amiga que não só me apresentou com o livro *Jubiabá*, como me ajudou muito durante esta caminhada.

A todas minhas colegas de sala, professores e professoras, fundamentais para a minha formação acadêmica e pessoal ao longo desses anos, meus verdadeiros agradecimentos.

Ninguém deve fechar o
olho da piedade.
É ruim fechar o olho da piedade...
Não traz coisa

Jorge Amado- Jubi

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
2. JORGE AMADO: CONTEXTO DE ESCRITA.....	09
2.1 JUBIABÁ SEGUNDO A CRÍTICA.....	13
2.2 RECEPÇÃO CRÍTICA DOS PARES.....	17
2.3 LEITURAS DE JORGE AMADO ATRAVÉS DA INTERNET.....	19
3. <i>JUBIABÁ</i> : BREVES REFLEXÕES COM BASE NO TEXTO LITERÁRIO E NOS DISCURSOS QUE CONSAGRARAM A OBRA.....	24
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
5 REFERÊNCIAS.....	30

LEITURA SOBRE A OBRA AMADIANA: APONTAMENTOS E REFLEXÕES SOBRE JUBIABÁ

LAÍZA TAMIRES SOUSA BARROS¹

RESUMO

O presente artigo tem como corpus de estudo o livro de Jorge Amado *Jubiabá* (1935) e alguns dos principais estudos críticos sobre a referida obra. Realizamos uma análise do contexto de produção e publicação da obra para contemplarmos a relação que o autor desenvolve com seus pares intelectuais. Neste aspecto, compreendemos a Literatura como uma produção histórica e cultural de forte expressão e impacto social. Além disso, analisamos algumas recepções do livro e do autor através dos comentários de leitores contemporâneos na plataforma virtual *Skoob*. Por fim, salientamos as confluências destas perspectivas em uma breve maneira de se ler a obra em sua perspectiva social e crítica. O escopo teórico que norteia a pesquisa aqui realizada é definido por Roger Chartier (1998, 1999) nas suas assertivas sobre representação, apropriação e práticas de leitura e de Rildo Cosson (2014) ao abordar sobre os modos de ler da leitura literária.

PALAVRAS-CHAVE: Jorge Amado, Jubiabá, leitura, recepção.

1- INTRODUÇÃO

Segundo Cosson (2014), a construção de sentidos de uma obra literária envolve diferentes modos de leitura que passam por quatro elementos: leitor, autor, texto e contexto e por três objetos – texto, contexto e intertexto. Para o estudioso, “um objeto visto a partir de um elemento gera determinado modo de ler” (p. 71). Com base nisto, ele sistematiza para cada um dos três objetos, quatro modos de ler., perfazendo um total de doze distintos modos de ler a obra literária: contexto-autor, contexto-leitor, contexto-texto, contexto intertexto; texto-autor, texto-leitor, texto-contexto, texto-intertexto; intertexto-autor, intertexto-leitor, intertexto-texto, intertexto-contexto.

Neste estudo, sem abandonar o texto em favor do contexto, enfocaremos as relações contexto-autor, contexto-leitor, contexto-texto. A primeira pretende relacionar em lugar de separar o autor de sua produção, mostrando, “para além de uma relação causal grosseira”, que há entre eles ligações que potencializam os sentidos da obra (COSSON, 2014, p.73). Com relação ao contexto-leitor, buscaremos apresentar como a obra foi lida pela crítica da época em que foi publicada, por pares intelectuais do escritor Jorge Amado e por leitores nas redes sociais na contemporaneidade.

¹ Aluna do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB.

Por último, realizaremos a leitura do romance destacando aspectos iminentes à sua estrutura juntamente com aspectos culturais e históricos relacionados ao contexto de produção da obra.

Jorge Amado é um dos escritores brasileiros com maior popularidade editorial. Seus livros são conhecidos em vários países e se tornaram fontes de famosas adaptações midiáticas. Reconhecido como escritor popular, o baiano iniciou sua carreira na adolescência com a publicação de *Lenitta* (1929), em parceria com Dias Costa e Otávio de Farias. Dois anos depois do insucesso do primeiro livro, Jorge Amado volta ao mercado editorial com aquele que é considerado o primeiro livro de seu conjunto literário, *O País do Carnaval* (1931).

A literatura amadiana se inicia na década de 1930, quando o país vivia os anos iniciais de uma república construída às pressas e é em uma atmosfera de instabilidade e grandes transformações que o autor dá seus primeiros passos rumo a uma literatura comprometida com os temas populares, com a crítica e a denúncia social, naquilo que será reconhecido no primeiro momento como romance proletário, em referência direta à literatura produzida na União Soviética.

Sem dúvida, a produção amadiana não passou despercebida no cenário editorial brasileiro. O empenho do autor em escrever sobre e para o povo fez de sua literatura referência para diversas pesquisas acadêmicas acentuando sua importância para discussões políticas, sociais, raciais e culturais. Já nos anos iniciais de sua carreira, ainda na década de 1930, Jorge Amado é perseguido e preso algumas vezes. Durante o Estado Novo, tem centenas de exemplares queimados em praça pública e tiragens de seus livros são proibidas de circular. É certo que se de forma imediata essas ações opressivas dificultam a tarefa intelectual, a longo prazo elas ajudaram a fazer de Amado um dos escritores mais conhecidos e aclamados de sua época.

É visando à compreensão e problematização da relação que o escritor estabelece com seus leitores que elegemos para análise uma de suas produções da década de 1930, *Jubiabá* (1935). O quarto livro do jovem escritor destaca-se pela forte discussão racial e política, inovando no romance brasileiro ao trazer um negro como herói proletário. A narrativa gira em torno da figura de Antônio Balduino, uma criança negra e pobre que apresenta todas as características “naturais” ao pobre no Brasil. Ao montar e desmontar a vida do Negro Baldo, Jorge Amado recupera a história da escravidão brasileira, na tentativa de desnaturalizar os preconceitos e posições sociais engessadas ao longo da nossa história.

A vida de Baldo reúne, em uma trama folhetinesca, história, política e literatura. A denúncia social feita pelo autor vai de encontro a toda uma ordem de estratificação social, na qual os homens já têm naturalmente seus lugares e funções sociais definidas. É apresentando a dor da miséria e do abandono que Jorge Amado choca seu leitor e o faz refletir sobre as desigualdades sociais, incitando-o à luta contra ela, amalgamada em seus personagens heroicos e na união dos trabalhadores em greve. Certamente, as proposições políticas do comunismo são os principais

agentes influenciadores da literatura amadiana, que, na década de 1930 é comumente associada pela crítica ao romance panfletário. No anseio de discutir esta e outras questões, propomo-nos ao estudo do livro *Jubiabá* e, por conseguinte, da vida e obra de Jorge Amado na década de 1930.

Neste sentido, num primeiro momento apresentaremos ao leitor informações gerais sobre a obra de Jorge Amado durante o recorte temporal que nos propusemos a investigar. Para isso, será imprescindível o livro de Alice Raillard, *Conversas com Jorge Amado*, no qual o escritor concede uma interessante entrevista pontilhada por depoimentos, através de uma visão crítica e às vezes bem-humorada, acerca de personagens do Estado novo, intelectuais, atores, músicos, políticos, pessoas famosas do mundo todo e o povo da Bahia - matéria viva de seus romances.

Posteriormente, buscamos conhecer análises críticas da literatura acadêmica sobre o período e o livro em questão. Assim, serão extremamente válidas as leituras de nomes importantes na bibliografia amadiana, dentre as quais *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*, de Eduardo de Assis Duarte e *As Cores da Revolução: a literatura de Jorge Amado nos anos 30*, de Luiz Gustavo Freitas Rossi. Estes e outros trabalhos que se empenham no estudo da produção intelectual do autor em questão serão de grande importância para o desenvolvimento crítico desta pesquisa, que pretende dialogar com outras discussões e pontos de vistas sobre o autor.

Por fim, pretendemos realizar reflexões sobre a recepção do autor e da sua obra entre os pares intelectuais ainda no contexto de publicação do livro e em uma recepção contemporânea feita por “leitores comuns” através da rede social midiática *skooob*.

Esperamos compor a bibliografia acadêmica sobre Jorge Amado com um trabalho que apresente uma análise pertinente sobre um livro que, em vários aspectos, traduz os anseios de muitos brasileiros, especialmente pela atualidade dos temas levantados, um dos motivos que fazem do baiano um romancista amado e polêmico.

2. Jorge Amado: Contexto de escrita

Certamente não é tarefa fácil analisar a obra de Jorge Amado. Ao longo da graduação, realizamos pesquisas e produções acadêmicas e, em alguns momentos, deparamo-nos com a dificuldade de inovar em nossas análises e perspectivas; sentimos o mesmo neste momento. Jorge Amado é um dos ícones da literatura brasileira, tendo desenvolvido uma obra quantitativa e qualitativamente complexa. Para este feito, cabem muitas possibilidades de explicações: sensualidade de escrita e temas, que o consagrou como um escritor sensual; histórias politicamente engajadas, tal qual o seu criador; personagens com forte capacidade de personificação, envolvidas em tramas que as fazem populares; visibilidade midiática, que permitiu que sua produção fosse vista/lida de diversas formas; enfim, diversos possíveis motivos elencados e defendidos por seus

críticos na tentativa de dar nexos explicativos à popularidade do escritor baiano.

A carreira de escritor de Jorge Amado tomou corpo ainda na década de 1930, na cidade do Rio de Janeiro. O autor compõe as estatísticas de nordestinos que migraram para o Centro-sul do país em busca de visibilidade artística, uma vez que, por muito tempo, houve uma forte centralização do que era interpretado como cultura pelas regiões centrais do país. Obviamente, isto nos levaria a uma densa discussão em torno de aspectos culturais, sociais e políticos, haja vista que nos vemos diante de um debate caro e importante aos estudos das Letras no Brasil: o lugar da produção literária. Concebemos aqui a Literatura como uma das mais expressivas formas de produção artística. Complexa por envolver não apenas critérios referentes a aspectos mais construtivos e inerentes aos profissionais das Letras, como construção linguística e definições de escolas literárias, mas também por ela ser uma construção histórica e política.

Chegamos, neste ponto, em uma das principais polêmicas que envolvem o autor estudado: sua escrita. Durante muitos anos Jorge Amado não foi tão querido quanto é hoje pelo meio acadêmico e um dos motivos circunda exatamente no fato de sua produção literária não se “enquadrar” nos termos do que seria uma literatura digna de elogios, isto lhe rendeu o título de um “escritor de putas e vagabundos”. Naturalmente, compreendemos neste trabalho que o autor e sua produção precisam ser, sobretudo, elucidados pela cultura. Neste sentido, especialmente, por estarmos diante de um autor que durante décadas construiu sua obra a partir de aspectos culturais e identitários, reclamando para si, e conseguindo, o lugar de um intérprete do Brasil, sua gente e cultura. Massivamente traduzido, Amado levou para outros países imagens representativas do Brasil, construindo enredos e dando vida a personagens expressivas do povo, excluídos e explorados por um sistema político criticado pelo autor.

Jubiabá (1935) apresenta ao leitor temas comuns à literatura de Jorge Amado: perseguição aos negros e ao candomblé, exploração e abandono infantil, desigualdade social e pobreza extrema, além da denúncia de diversos preconceitos e hipocrisias que, na ótica do autor, predominavam na sociedade brasileira. Deste modo, é válido que voltemos, brevemente, a alguns pontos da vida do baiano no contexto de sua produção.

Em *Conversas com Jorge Amado*, o escritor baiano fala de suas participações em jornais e revistas, seu ingresso na Juventude Comunista e sobre suas relações pessoais e intelectuais com diversos nomes da intelectualidade brasileira. Destacamos uma informação válida para este trabalho para repensarmos pontos importantes nos estudos das escolas e correntes literárias. No Brasil, o Movimento Modernista de 1922 é visto como altamente importante para definir uma construção de brasilidade e um novo modelo estético para as narrativas e produções artísticas, mas, a postura de Amado em relação a este movimento não é de concordância, vejamos:

Se você estuda o modernismo, vê que é um movimento de classe que nasce na órbita dos grandes proprietários do café. Formalmente, o modernismo no Brasil é uma transposição dos movimentos que surgiram na Europa depois da Primeira Guerra – cubismo, dadaísmo, surrealismo[...] (AMADO *apud* RAILLARD, 1990, p. 52).

A postura do autor diante do Modernismo marca uma tomada de posição determinada pela sua forma de ver o mundo, em negativa a movimentos que assumissem uma postura “elitista”, quando adiante ele diz que “O Modernismo foi patrocinado pelos homens ricos de São Paulo [...]” (AMADO *apud* RAILLARD, 1990, p. 52). Continua:

Em minha opinião, o modernismo como fenômeno é historicamente limitado, tem um começo e um fim. Mas, ao mesmo tempo, tinha uma enorme efervescência que ultrapassava o modernismo e que levava consigo o tenentismo: a revolta dos jovens oficiais em 1922. (AMADO, *apud* RAILLARD, 1990, p. 53).

Nesta passagem, o autor deixa clara sua posição insatisfeita em relação ao Modernismo enquanto um movimento cultural e artístico, mas, ao mesmo tempo, mostra-se animado com eventos que surgiram em concomitância e, em certa medida, sob suas possíveis influências. Neste ponto, fica claro o elogio do autor em relação ao tenentismo, principalmente por expressar uma revolta em relação a práticas tidas como oficiais, o que fica mais claro nesta declaração: “A coisa, no fundo, não é tão extraordinária: o modernismo foi uma revolução formal, mas do **ponto de vista social não trouxe grande coisa.**” (AMADO *apud* RAILLARD, 1990, p. 53, grifos nossos.)

Jorge Amado se opõe ao Modernismo e não quer ser a ele enquadrado por não considerá-lo válido, por entendê-lo como cultural e socialmente limitado, ao passo que não representava, no quadro político, posturas condizentes com aquelas assumidas pelo autor no chamado Romance Regional ou de 1930: “E é, desde então, desta Revolução de 30, que surge o movimento conhecido como o 'romance de 30', portador de *uma literatura que vem tratar dos problemas do povo e de uma escrita baseada na língua falada no Brasil*” (AMADO *apud* RAILLARD, 1990, p. 55, grifos nossos). Aqui, o escritor baiano expressa sua conformidade em relação à Literatura de 1930 pelos temas e formas de expressão que a compunham, em que os problemas do *povo* eram não somente levantados como defendidos, note-se que o *povo* de quem fala Amado é reconhecido em função de sua distância em relação à elite. Desta forma, o romance de 30 é a representação do povo, do popular, enquanto o Modernismo representa a elite e, portanto, o que se distancia da genuinidade do que seria “povo” e “cultura” brasileira, para ele.

Obviamente não seria sensato passarmos por esta discussão sem mencionar um importante evento ocorrido na universidade Estadual da Paraíba em 2012, quando comemorávamos o centenário do autor estudado. O colóquio *Jorge Internacionalmente Amado* foi catalisador de

importantes debates sobre o autor baiano e culminou no livro *Nova Leitura Crítica de Jorge Amado*, organizado pelas professoras Sudha Swarnakar, Edilane Figueiredo Lopes e Patrícia Gomes Germano. O livro apresenta ricos artigos sobre o tema e aqui destacamos para esta discussão o de autoria de Cid Seixas Fraga Filho, *Do Modernismo Paulista ao Regionalismo do Nordeste*.

Nele, o autor apresenta de forma muito clara questões importantes que envolveram o Modernismo, enquanto um evento histórico, mas também em suas funcionalidades para a arte “brasileira”. Neste sentido, introduz a discussão outrora levantada sobre a validade do Modernismo e sua oposição ao chamado Romance Regional ou de 1930, o que é válido para discutirmos as passagens supracitadas. Segundo Cid Seixas, “o espírito de corpo dos chamados modernistas conduzia um rolo compressor capaz de esmagar, como uma camada de lama, a todos aqueles que não demonstrassem uma aceitação incondicional ao pensamento 'novo'” (SEIXAS, 2012, p. 61), o que pode nos levar com mais clareza aos impasses entre os “representantes” de ambos os movimentos (“Modernistas” e Romance regional) e a uma maior compreensão da incisiva negativa de Jorge Amado em se considerar modernista ou moderno, ao desqualificar o “novo” e socialmente “válido” no movimento. Os impasses decorrentes da clássica oposição entre “moderno” e “atrasado”, envolvendo os dois movimentos artísticos, ficam claros no artigo de Seixas.

Não podemos negligenciar que há nesta discussão muitos resquícios de uma divisão histórica, e não apenas geográfica, mas também hierárquica em termos culturais. É aí que podemos ler as declarações de Jorge Amado que foram acima colocadas através de uma visão de lugares de escrita e, sobretudo, de defesa desses lugares. Quando os modernistas defendem um tipo de arte obedecem, direta ou indiretamente, critérios firmados naquele lugar, o mesmo se passa com os regionalistas, onde o próprio termo “regional” já implica uma distinção segregada a “um” lugar, quando defendem a imagem do país refletida através do cotidiano e problemas enfrentados pelo “povo” das regiões Norte e Nordeste do país.

Claro que para além desta discussão existem outros aspectos relevantes e importantes para serem analisados dentro da ótica do contexto de escrita do autor, tais quais suas participações ativas na política brasileira através do Partido Comunista, assim como suas atuações profissionais no mercado jornalístico do país, fundamentais para o desenvolvimento de sua literatura e de suas posições intelectuais. Tais aspectos são bastante valorizados pelos estudos históricos e das Ciências Sociais o que, de certa forma, nos exime da responsabilidade de adentrá-los com afincos neste artigo. No entanto, é preciso que tenhamos consciência da posição política fielmente assumida pelo autor na década de 1930 para que realizemos uma análise consciente da sua produção literária.

Jubiabá, como os demais livros da década de 1930 e 1940, apresenta discussões delimitadas, mas não necessariamente limitadas, pelos ideais esquerdistas e partidários do autor. Os temas levantados e personagens apresentados seguem caminhos que indicam as perspectivas políticas do

seu criador, realizada de forma objetiva. Isto nos leva a um polêmico debate entre os críticos literários: a divisão da obra amadiana. A produção do escritor baiano é, por vezes, encarada como dividida em duas fases: a primeira referente às décadas de 1930 e 1940, nas quais o discurso político seria seu definidor; a segunda teria como marco o romance *Gabriela, cravo e canela* de 1958 e seria marcada pelas discussões em torno da sensualidade e miscigenação, consideradas como marcos identitários. Para esta discussão, que não podemos adentrar neste momento, indicamos o texto *Jorge Amado – Unidade e limites de uma obra*, de Fernando Cristovão², que embora pequeno em número de linhas, traz um denso e indispensável estudo para o leitor/pesquisador da obra amadiana. Mas, adiantamos que o próprio Jorge Amado nega tal divisão: “Não, minha obra é uma unidade, do princípio ao último momento. Só se pode dizer que existe, no início, uma profusão do discurso político, correspondendo ao que eu era então.” (AMADO *apud* RAILLARD, 1990, p.216).

Vimos aqui onde o autor se insere enquanto produtor literário, mas também enquanto sujeito histórico e politizado. Deste modo, ficam claros quais seriam os esforços tomados por ele para a produção de sua literatura na década de 1930, salientando-se para os espaços delimitados por ele mesmo: literatura popular e, por conseguinte, engajada, tornando mais objetiva e alicerçada nossa posterior análise. Desta forma, sentimos-nos preparados para apresentar alguns trabalhos que se debruçaram sobre o autor, especialmente na década estudada para, assim, realizarmos uma análise do romance estudado.

2.1. Jubiabá segundo a crítica

Realizar um trabalho sobre Jorge Amado implica cuidado para com uma densa literatura acadêmica que existe sobre o autor. Desta forma, dedicaremos um espaço neste trabalho para revisar parte dela. No entanto, conscientes das possibilidades de escrita que nos dispõe um artigo, especialmente pela limitação laudatória, não pretendemos assumir o papel de julgadores da bibliografia em questão, pelo contrário, nosso intuito é verificar suas importâncias e contribuições para os estudos sobre a obra amadiana, buscando enriquecer nossa produção e, conseqüentemente, oferecer ao leitor maiores informações sobre o autor e sua obra.

Começamos este tópico com um trabalho que se tornou um clássico entre os estudiosos da obra amadiana, *As cores da Revolução: a literatura de Jorge Amado nos anos 30*, de Luiz Gustavo Freitas Rossi, dissertação de mestrado em Antropologia Social defendida em 2004 na Unicamp. O autor analisa a obra do escritor baiano, partindo do pressuposto da temática racial. Em sua análise, são contemplados todos os livros da época, no entanto, focaremos nas reflexões referentes à obra

2 O texto consta no livro “O Romance de 30 no Nordeste”, seminário sobre o romance de 30 no Nordeste realizado de 23 a 27 de novembro de 1981, na Universidade Federal do Ceará, editado pela citada Universidade em 1981.

Jubiabá.

O romance *Jubiabá* remete-nos, por excelência, à discussão racial e este é o foco de análise do antropólogo social. Sobre isto, ele apresenta o livro da seguinte maneira:

Publicado em 1935, um ano após a realização do Primeiro Congresso Afro-Brasileiro em Recife – congresso que, como já foi dito, Jorge Amado participou, apresentando uma comunicação sobre a literatura de cordel na Bahia - **Jubiabá inaugurou, para alguns, a aparição do primeiro herói negro na literatura brasileira.** (ROSSI, 2009, p. 88, grifos nossos).

A análise empreendida pelo autor desenvolve-se em torno da construção narrativa para dar maior visibilidade ao seu personagem principal – Balduino- e levá-lo à conscientização política e, por conseguinte, racial. Neste sentido, Rossi aponta suas considerações em relação ao livro em uma leitura comparada com os três outros livros que o antecederam, buscando perceber aspectos da narrativa amadiana que mudaram e permaneceram. Vejamos:

Meu interesse, de saída, é chamar a atenção para um tratamento narrativo em *Jubiabá*, que acredito estar intimamente ligado à apropriação que Jorge Amado efetua dos elementos da cultura afro-brasileira, tal como entendidos à época: trata-se de uma postura estilística que confere uma nova maneira de trabalhar com as distintas temporalidades presentes na narrativa. Passado, presente e futuro serão tomados integralmente para compreendermos a trajetória de Balduino e a argumentação interna que condiciona as ações. Procedimento um tanto incomum, se tomarmos como parâmetros os seus três primeiros romances que, guardando suas devidas particularidades, expressavam certa aversão do autor ao tratamento igualitário destes três tempos. Em geral, focavam momentos e ambientes bastante precisos nos quais o passado e mesmo o futuro tendiam a aparecer obscurecidos ou colocados em suspenso no enredo, em nome de uma pretensa ‘objetividade fotográfica’ do tempo presente em seus romances. (ROSSI, 2009, p. 88).

Fica claro, portanto, que a perspectiva de análise do antropólogo se fixa nos aspectos simbólicos existentes na narrativa em relação à temática racial, deste modo, elegendo o sociólogo Clifford Geertz como principal suporte teórico, Rossi analisa a narrativa sempre considerando “a incorporação das dimensões simbólicas associadas aos grupos afro-brasileiros” (p.90) por Jorge Amado. Para ele, *Jubiabá* é um romance representativo no que concerne às relações do escritor Jorge Amado com os estudos raciais na década de 1930, através, certamente, de sua assumida postura política de esquerda.

Certamente, poderíamos nos aprofundar ainda mais nos estudos empreendidos por Rossi, contudo, não seria cabível para este trabalho, pelo menos, inicialmente. Por conseguinte, perceber e levantar alguns aspectos que consideramos relevantes na análise do antropólogo sobre o livro é fundamental para este artigo que pretende, dentre outras coisas, apresentar ao leitor uma visão mais geral sobre Jorge Amado e os estudos sobre sua obra que contemplam o romance eleito para análise.

Partimos da apresentação de uma análise antropológica e racial para uma que traz como cerne os aspectos políticos e literários pertinentes à narrativa amadiana na década de 1930. Para tanto, utilizaremos a tese de doutorado de Eduardo de Assis Duarte apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Seguiremos caminho semelhante ao que fizemos com o trabalho de Rossi na medida em que não nos deteremos a totalidade do mérito deste trabalho, reduzindo nossas análises ao nosso foco, *Jubiabá*.

Em uma análise que parte especificamente do caráter político-ideológico, Duarte(1995) elege os livros para estudo não partindo do critério da década, e sim, elegendo aqueles que mais enfatizam as perspectivas políticas do autor nas décadas de 1930 e 1940. O doutor em Literatura e Literatura Comparada apresenta um elaborado exercício de revisão histórica e sociológica ao situar seu leitor no contexto temporal e nas relações sociais, políticas e intelectuais de Jorge Amado nas décadas estudadas, enfatizando a importância de percebermos o trânsito social e temporal do escritor, uma vez que as produções intelectuais são historicamente condicionadas. (CHALHOUB & PEREIRA, 1998). Usando as palavras do próprio autor, podemos aumarizar quais as intenções de sua produção. Embora tenhamos consciência do quão demasiadamente longa é a seguinte citação, não poderíamos deixar de colocá-la, por compreendermos que, diante da complexidade do trabalho citado, não caberia melhor definição:

Este trabalho assenta-se, então, sobre o panorama multifacetado das leituras já existentes a respeito da obra e com elas procura dialogar. Tem ainda como referência o horizonte ideológico e cultural do período escolhido, no qual se destacam não apenas as concepções partidárias quanto aos caminhos da política brasileira ou quanto aos rumos do comunismo mundial, mas ainda a produção da novelística social mais significativa daquele momento. Todavia, mantivemos como fio condutor a abordagem dos próprios textos, procurando compreendê-los a partir de sua configuração interna e dos parâmetros construtivos adotados. Buscando não desvincular os romances da história social e política sobre a qual procuraram (e procuram) intervir, nem esquecer o diálogo quem mantêm vivo com seu contexto de produção e consumo, interessa-nos analisá-los em seus esquemas constitutivos e interpretá-los a partir do projeto que os norteia. (DUARTE, 1995, p.38-39).

Conscientes das limitações impostas por um artigo, e crentes de que introduzimos acertadamente nosso leitor aos aspectos e objetivos gerais do trabalho de Duarte, partiremos para sua análise sobre o romance *Jubiabá*. Para o autor, a obra de Jorge Amado sofre no ano de 1935, um grande salto qualitativo, na medida em que, através do romance proletário, ela se torna mais estruturada e duradoura. (DUARTE, 1995, p.91). Para ele, neste romance se dá o encontro entre as formas populares:

A estrutura do romance assimila e combina essas formas, de sorte que é possível discernir elementos seus no enredo cheio de façanhas, no ritmo marcado pelas repetições, no tom de estória contada. A própria concepção do romance fundada na narração dos feitos de um herói, inspira-se no cordel e, mesmo, na mais longínqua herança da narrativa. (DUARTE, 1995, p.90).

Desta maneira, Duarte defende que, além das formas populares, Jorge Amado se vale da narrativa burguesa e ainda das convenções do folhetim e com elas “[...], as emanções melodramáticas visíveis nos exageros mórbidos, nas coincidências, nas mudanças bruscas do destino, no maniqueísmo de situações e personagens.” (DUARTE, 1995, p.92) Duarte empreende uma rica perspectiva de análise do romance, ao eleger “os sete tempos da procura”. Neste sentido, ele analisa o enredo partindo do percurso evolutivo do personagem principal, Balduino, vulgo Baldo, em sete momentos. O primeiro é o da infância, quando Baldo morava no Morro do Capa-Negro com a tia; o segundo se passa durante parte da adolescência do menino que passa a morar na casa de uma abastada família, conhece seu amor platônico, e incompreendido, Lindinalva; a expulsão da casa e o momento em que o menino passa a viver nas ruas gozando da liberdade, mas também atravessando suas dificuldades, marca o terceiro momento de análise do autor. O quarto, quinto e sexto momentos são marcados pela liberdade vadia de Baldo, em contraposição aos períodos de duros trabalhos e injustiças sociais, sendo o sétimo é momento marcado pelo ápice da intenção autoral, a militância política, quando o protagonista renasce no movimento grevista.

O aspecto folhetinesco da narrativa é marcado pelos dramas pessoais do protagonista e a densa rede de relações que constrói ao longo da trama. Relações que se desenvolvem com intensidade e deixam, todas elas, marcas importantes para a (re) construção do personagem. Segundo Duarte:

Desde suas origens, o folhetim caracterizou-se como fator de democratização da literatura, mercê da progressão massiva através da imprensa. Todavia, seu consumo em larga escala no século XIX traz implícita a ideia do romance como fonte de entretenimento submetida ao valor da troca. (DUARTE, 1995, p. 105).

Sobre o forte grau de realismo e a intenção de construir narrativas que elegessem o povo e os seus problemas como protagonistas, Duarte afirma:

Nesse apego a aspectos da realidade, ausentes na historiografia dos vencedores e, mesmo, na literatura regionalista anterior, reside a grande força e a razão do impacto causado pelo romance de 30. Pela primeira vez, o oprimido vai ser não apenas o protagonista, mas também o indivíduo que luta contra a opressão.

[...]

Esse aspecto revolucionário existe não só nos textos amadianos mais diretamente políticos, mas em quase todo o romance dos anos 30. [...] Aí está a comprovação do efeito pedagógico do romance de 30 na demolição de preconceitos que a classe média havia herdado da mentalidade patriarcal. (DUARTE, 1995, p.121).

Não poderíamos deixar de registrar a leitura empreendida por Duarte, no que concerne aspectos referentes às proposições marxistas e a aspectos referentes à negritude que, por não

figurarem entre os nossos objetivos, não serão apresentados aqui. No entanto, não poderíamos deixar de fazer menção a uma importante conclusão à qual chega Duarte, referente a estas duas temáticas, o que, se não apresenta com clareza de detalhes suas perspectivas ao leitor, não o deixa aquém da discussão:

Em Jubiabá, a questão da negritude aflora toda vez que se pensa o papel do narrador, já que não se trata simplesmente de falar do proletário, mas do proletário negro. O narrador de Jubiabá, aliás, como o de toda a literatura socialista, toma para si o discurso do oprimido ou o que julga serem os clamores das classes oprimidas. Trata-se, pois, de uma apropriação do discurso do outro, mediatizada pela perspectiva do partido. (DUARTE, 1995, p.129)

A apresentação destes dois trabalhos mostra a necessidade acadêmica de revisar parte da literatura sobre a obra amadiana. Apresentar dois estudos sobre a mesma obra, e especificamente o mesmo romance, que trazem análises bastante diferenciadas, embora se aproximem em vários aspectos, feitas em dois campos distintos das Ciências Humanas, Antropologia e Letras, respectivamente, confirma a riqueza de conteúdo do texto literário que pode ser lido e recepcionado de diferentes maneiras. É, neste contexto que enfatizaremos, a seguir, algumas recepções do texto amadiano, salientando a necessidade de discutirmos sobre as diversas possíveis apreensões da literatura enquanto produção estética, histórica e cultural.

2.2 Recepção crítica dos pares

Neste sentido, depois de analisarmos a opinião de vários críticos sobre a obra em foco, voltaremos no tempo para a recepção no período de publicação do livro. Para tanto, contamos com a coletânea riquíssima, *Jorge Amado: 30 anos de Literatura* organizada e publicada pela Editora Martins em 1961, ano de comemoração de 30 anos desde a primeira publicação de Jorge Amado. É, talvez, o mais completo trabalho sobre os anos iniciais da carreira do escritor, uma vez que apresenta uma densa reunião de artigos e declarações de agentes intelectuais diversos sobre a obra e seu criador. Buscaremos a seguir, apresentar os depoimentos sobre *Jubiabá* que mais nos chamaram a atenção, tarefa que assumimos não ter sido fácil tendo em vista a quantidade considerável de declarações.

Inicialmente, elegemos partes das declarações de dois intelectuais importantíssimos para a Literatura Brasileira, Rachel de Queiroz e José Lins do Rêgo. Estes autores, especialmente o primeiro, mantiveram importantes relações com o autor baiano. Rachel de Queiroz foi uma das maiores responsáveis pela entrada de Jorge Amado na Juventude Comunista. Juntos, eles participaram de diversos movimentos, sendo, inclusive, presos. Vejamos a opinião de Rachel de Queiroz:

Custou muito pouco você a nos dar um grande livro que nós todos

esperávamos, e que muita gente pensou que só viesse com o amadurecimento de sua arte. O seu “Jubiabá” excedeu a todos os respeitos a minha expectativa, e eu sempre fiei muito no seu talento e nas suas possibilidades. Grande, grande livro, seu Jorge. Cheio de uma estupenda poesia, duma poesia de sôpro largo e formidável. (Rachel de Queiroz, carta à Amado, em 22 de fevereiro de 1936 *apud* AMADO, 1961).

Observemos agora o comentário de José Lins do Rego:

“Jubiabá” de Jorge Amado é um livro que não depende do leitor e sim que faz o leitor depender dele, desde a primeira à última página. Quero dizer com isto que é um livro absorvente, de interesse intenso, que se faz ler sem o menor esforço. [...] Jorge Amado escreveu o seu melhor livro. A distância que vai de Jubiabá aos outros não é pequena. O escritor cresceu em força, em profundidade, esqueceu-se um bocado das suas obrigações para com certos preconceitos e venceu admiravelmente nas suas 372 páginas. O jovem escritor de Suor queria provar e em romance não se prova coisa nenhuma, apesar de querer às vezes ir de encontro às suas maravilhosas qualidades de romancista. Quando ele faz, por exemplo, o molequinho Baldo entender de lutas de classes, à página 39, ou quando uma menina tem fome de terra porque em casa não havia o que comer, o Jorge Amado interessado, mas interessado demais, quer torcer o caminho do outro, do que sabe ir às fontes da vida, ao âmago das coisas. Para falar da miséria do povo brasileiro o romancista não precisa exagerar numa linha, nem puxar para o melodrama. Basta exprimir a realidade. Com isso não pretendo para o homem de letras a pobre função de máquina fotográfica. Êste tem a obrigação de estar com todas as suas faculdades em ação para elevar o homem brasileiro, dos campos e das cidades, da miséria em que vive. Agir, porém não quer dizer que se minta, que se falsifique a verdade. (José Lins do Rêgo, em Boletim de Ariel, Rio de Janeiro, 1935, *apud* AMADO, 1961).

Temos plena consciência do quão extenso é o trecho supracitado e o quanto pode incomodar o leitor, porém, não o colocamos à toa. A riqueza dessas citações é indiscutível para pensarmos um aspecto importante à Literatura, sua recepção. Aqui apresentamos a recepção de outros intelectuais no contexto de publicação do livro e pontuamos como o aspecto mais importante as distintas formas de receber *Jubiabá*. Em Queiroz, percebemos um grande elogio à capacidade poética do autor, ao passo em que há uma crítica aos livros anteriores e uma percepção da sagacidade e desenvolvimento do jovem “aprendiz de romancista”³, embora, aparentemente tenha prevalecido para a escritora o aspecto poético do livro, tão demasiadamente elogiado. No entanto, em José Lins do Rêgo a crítica ultrapassa uma percepção da poesia. Este autor recepciona o livro buscando percebê-lo em concomitância com a postura política do seu autor. No seu pronunciamento, José Lins dá atenção ao ofício dos homens de letras, mostrando que o romancista precisa, sobretudo, dominar suas paixões, não ao ponto de se tornar um mero reproduzidor fotográfico, mas para não perder a capacidade de construir uma narrativa crível e legível. Para isso, basta “exprimir a realidade”.

³ Assim se autointitulava Jorge Amado ao fazer referência a seu status na década de 1930.

Neste sentido, deparamo-nos com duas distintas e válidas recepções e modos de ler o texto literário, duas formas de interação entre leitor e texto. Vemos, assim, que “A leitura, de fato, longe de ser uma recepção passiva, apresenta-se como uma interação produtiva entre o texto e o leitor”. (JOUVE, 2002, p. 61). José Lins, especialmente desperta-nos para a responsabilidade social e histórica das Letras, da necessidade e capacidade de exprimir a realidade, de falar e lutar contra uma realidade injusta. É neste sentido que encaramos a obra de Jorge Amado e que a apresentamos neste artigo.

O historiador Roger Chartier empreende várias discussões concernentes à literatura, tanto quanto fonte histórica e sociológica, como em aspectos referentes aos modos de ler, à construção do livro, as suas recepções e as relações entre leitor e texto. Ao estudar a leitura na França, Chartier (1999) diz que é preciso:

[...] observar como as formas materiais afetam os seus sentidos [dos leitores], localizar a diferença social nas práticas mais do que nas diferenças estatísticas, são muitas as vias possíveis para quem quer entender, como historiador, essa “produção silenciosa”, que é a “atividade leitora”. (CHARTIER, 1999, p. 27).

Embora ele se refira especificamente ao ofício do historiador, não podemos negar a validade de sua análise para nós, estudiosos das letras, principalmente em um contexto de valorização das relações interdisciplinares, que tanto enriquecem a construção e reconstrução do conhecimento científico. A leitura é um ato de engajamento e o engajar-se pode ser de formas múltiplas a depender das intencionalidades do sujeito leitor. Desta maneira, “[...] a leitura não é somente uma operação abstrata de intelectção; ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros:

A relação mística com o livro pode, também ser compreendida como uma trajetória onde se sucedem vários “momentos” da leitura: a instauração de uma alteridade que fundamenta a busca subjetiva, o desdobramento de um prazer, o suplício do corpo reagindo à “manducação” do texto, e, ao fim desse percurso, a interrupção da leitura, o abandono do livro, o absoluto desprendimento. (CHARTIER, 1999, p. 14).

Eis porque devemos voltar a atenção particularmente para as maneiras de ler. (CHARTIER, 1998) e precisamos estar atentos também aos diferentes tipos de leituras e, por conseguinte, as diversas recepções advindas delas.

2.3. Leituras de Jorge Amado através da Internet

Neste tópico, passamos a uma breve reflexão sobre as recepções ao autor Jorge Amado através da mídia social skoob. Esta análise, embora breve, servirá para pensarmos alguns aspectos concernentes à apreensão feita contemporaneamente por alguns leitores e suas repercussões nas

redes sociais. Conscientes de que a leitura das redes sociais não é nosso foco principal, utilizaremos como suporte a dissertação de mestrado *O Skoob e a Legitimação das Obras Literárias*, escrita e defendida por Thiago de Oliveira Soares, em 2016, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Maringá. Acreditamos, portanto, que é válido para o caminho trilhado neste artigo alargarmos nossas análises, uma vez que já pensamos a recepção de Jorge Amado, e especialmente de *Jubiabá*, entre seus pares e no momento de publicação do livro. É enriquecedor atentarmos para uma leitura contemporânea, realizada por “leitores comuns”, pois assim não perdemos de vista os efeitos da leitura amadiana em nosso tempo.

Soares nos apresenta, nos momentos iniciais do seu texto, aspectos gerais sobre o desenvolvimento das redes sociais e elege alguns estudiosos do tema como suporte para tais informações. No entanto, nosso foco está nas características levantadas pelo autor para a rede Skoob, a fim de compreendermos minimamente seu funcionamento. Podemos concluir que esta rede social se configura como uma plataforma virtual de leitura e interação entre seus usuários cadastrados. O funcionamento tem como eixo principal “um cadastro particular e adicionam, além de informações básicas sobre suas preferências literárias, livros que já leram, livros favoritos, livros que pretendem ler e outros dados semelhantes” (SOARES, 2016, p.25). É desta citada interação que parte nossa análise.

Em visita realizada à plataforma foi possível encontrar interação entre leitores em relação à *Jubiabá*. Os comentários (onze no total) foram escritos entre 2010 e 2016⁴. Elegemos alguns deles para percebermos quais as possíveis impressões e recepções feitas de Jorge Amado nas redes sociais. Certamente, somos conscientes de que onze comentários de uma rede específica não são suficientes para exprimir a relação de leitores com um autor, no entanto, é possível levantarmos impressões, uma vez que, como pudemos ver através do trabalho de Soares, o Skoob é, hoje, uma das redes mais completas e abrangentes que envolve leitura e interação virtual em torno da Literatura. A seguir, exporemos alguns dos comentários, enfatizando aqueles que mais tiveram retorno entre os participantes.

Primeiro, devemos esclarecer que não citaremos aqui os nomes dos participantes da rede, os comentários serão trazidos ao texto e serão relacionados aos seus respectivos autores através de números, ou seja, “comentário 1”, “comentário 2” e assim massivamente. Ao final de cada comentário, disponibilizaremos o link e data de acesso, informando o lugar e quando o tiramos. Ainda é preciso enfatizar que todos os comentários serão apresentados na íntegra e sem alteração nas suas escritas, portanto, alguns deles certamente apresentarão características comuns à escrita virtual, especialmente em redes de interação, como abreviações, por exemplo. O primeiro

⁴ Para acesso a tais comentários não é necessário ser cadastrado na rede. Eles podem ser consultados através do seguinte link: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/2402/mais-gostaram>.

comentário que nos chamou a atenção parte de uma recepção negativa à obra e ao autor, sendo o que apresenta o maior retorno entre os participantes foi avaliado com “2 gostei”, uma forma de interação entre os participantes, que podem julgar o que é dito por eles e obteve quatro respostas. Vejamos o que diz o “comentário 1”:

Já tinha lido e gostado de alguns livros de Jorge Amado até ler este, que me fez encerrar por um longo tempo minha leitura de livros do autor. Sei que a sociedade, principalmente da Bahia da época era assim e blábláblá, mas a posição em que ele coloca a mulher, totalmente subjugada ao seu macho, um completo acessório de cama e mesa me deixou meio constrangida. E antes que me acusem, não, não sou feminista. (Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/2402/mais-gostaram>, acessado em 13-04-17, às 13:36)

Este comentário, postado no ano de 2011, demonstra claramente o desagrado da leitora em relação ao autor, e especialmente o livro em questão, no que concerne uma temática bem delimitada: a discussão de gênero. Para a leitora, o livro apresenta uma visão machista em relação à mulher, o que seria, para ela, consequência da forma como a sociedade, especialmente a baiana, que se organizava na época. Vemos, portanto, uma tendência a reduzir o livro a um aspecto específico, e obviamente, partindo de uma leitura e interpretação pessoal em relação ao tema. Fica claro, neste ínterim, algo que já vínhamos discutindo, as diferentes formas de recepção e leituras que são feitas por um único texto pelos variados leitores. A seguir, veremos como os demais participantes da rede reagiram ao “comentário 1”, elegemos dois dos quatro comentários em resposta, as quais aprofundam as discussões suscitadas por ele, respectivamente os, “comentários 2” e “3”:

Também achei um pouco isso mas depois entendi que era como o personagem via as mulheres, não o escritor. Senti até uma crítica. A parte sobre o enterro da mãe da Arminda é muito pesada, e o escritor denuncia esse abuso das mulheres (e das crianças). A gente também vê como as mulheres são empurradas para uma prostituição degradante, por só poderem ser isso: fêmeas de homem. O que realmente me incomodou foi a personagem Lavínia, achei super desnecessária. Me deu uma certa preguiça isso de que as mulatas era para se usar e jogar fora. Ele critica isso, mas faz essa personagem branca que é a santa, o prêmio e o verdadeiro amor do Baldo, apesar de ter cagado para ele. (Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/2402/mais-gostaram>, acessado em 13-04-17, às 14:00h)

Concordo totalmente com vc! Eu cheguei abandonei o livro depois do enterro da mãe Arminda, aquela cena foi horrível, eu q já estava incomodada de como as mulheres eram retratadas depois daquilo não deu mais... Não curto livros onde haja situações de abuso sem uma crítica. Desgostei ainda mais do baldo, ele q é o personagem principal é exposto como um coitado, sem estudo ou perspectiva de futuro, injustiçado pelos homens brancos (a sociedade racista) tadinho... SQN. Ele é um machista, estrepador, brucuto e ainda por cima PEDÓFILO!! Como ele não só se sentiu atraído por uma menina de 12 anos como também tentou estrupa-la no enterro da mãe?! Não li o livro todo, mas espero q ele se ferre muito, muito, mas muito mesmo. Depois desse livro não sei se voltarei a ler algo do autor. Aliás não sei se voltar a ler algum clássico nacional... (Disponível em:

<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/2402/mais-gostaram>, acessado em 13-04-17, às 14:00h)

O “comentário 2”, postado em 2015, apresenta uma visão mais compreensiva da obra em relação ao “comentário 1”, nele o leitor enxerga a problemática levantada por Jorge Amado através de seus personagens como uma crítica social e, para além disso, ele tira do autor qualquer responsabilidade ao imputar-lhe ao personagem. Neste ínterim, deparamo-nos com uma questão interessante e comum às narrativas folhetinescas que é a distância assumida pelo autor em relação aos fatos o que dá aos personagens todas as responsabilidades dos caminhos seguidos pela trama, isentando o autor dos danos futuros. Esta estratégia narrativa é muito comum ao autor baiano, que se colocava inclusive como um “contador de histórias”, eximindo-se das responsabilidades que norteavam suas tramas. Vemos, neste comentário, uma tendência mais crítica em relação ao livro, que para ele funciona, de certa maneira, como um instrumento de denúncia, embora ele não se mostre satisfeito com todos os aspectos da narrativa.

O mesmo não pode ser dito em relação ao “comentário 3”, postado em 2016, no qual seu autor se mostra tão revoltado com a trama a ponto de não apenas abandoná-la como a negar à leitura de outros livros de Jorge Amado e de outros escritores brasileiros. Certamente, o livro soou para este leitor como um insulto às mulheres e a sociedade, deixando claro que não houve por parte de Jorge Amado uma crítica, o que, para o autor do comentário, é essencial em livros que tratam de “situações de abuso”. É perceptível a que o leitor desenvolve uma aversão pelo personagem principal que passa a representar, para ele, um verdadeiro escárnio social.

Finalizamos a apresentação dos comentários com uma crítica elogiosa ao autor e obra, como o “comentário 4”:

Baldo nos mostra através de sua vida como é nascer na pobreza, as dificuldades, o que o desviou de ser outra pessoa. Mas também nos deixa ver o que é a liberdade e a felicidade no seu próprio conceito, já que ele foi moleque de rua, boxeador, trabalhou em plantação de fumo, em circo e outros mais. Ele soube nos encantar e nos fez pensar sobre seus atos e pensamentos, com isso notamos o quão parecidos somos em matéria de ser humano, afinal todos temos dúvidas, ciúmes, momentos de coragem e medo. Me diverti com suas manobras de coragem e com seu modo homem-moleque. Essa é a segunda obra que leio do autor e só me encanto cada vez mais. A maneira de relatar e escrever suas histórias me deixa maravilhada. Gostei de ver o Guma relatado na história (Guma é personagem de Mar Morto), me deu saudade do livro, do mar e inclusive da história de Iemanjá. Meus Parabéns mais uma vez ao autor! Recomendo.....Nota10!!!! (Disponível: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/2402/mais-gostaram>, acessado em 13-04-17, às 15:50)

No comentário anterior, publicado em 2010, vislumbramos um leitor que elogia grandemente autor e narrativa, que entende o livro como uma representação da realidade vivida por

muitos brasileiros que “nascem na pobreza” e enfrentam dificuldades. Percebemos, com estes comentários, como uma obra pode ser lida e recepcionada de diferentes maneiras e, por consequência, as formas como o autor é visto pelos diferentes sujeitos leitores. Neste caso, não poderíamos passar por estas colocações sem nos remetermos as noções de representação levantada pelo historiador Roger Chartier, outrora citado por sua contribuição para a História do Livro e da Leitura na França. É imprescindível pensarmos sobre isso principalmente quando estamos diante de um livro produzido por um autor altamente engajado em sua concepção político-partidária, questão discutida por José Lins anteriormente, e que deixava clara que sua produção era feita para o “povo”, categoria conceitual que não nos interessa discutir neste momento, mas que na sua lógica política era vista como os pobres, negros e operários explorados por um sistema opressor. Deste modo, conscientemente, podemos afirmar que o interesse do autor era, através de seus personagens, representar uma realidade que deveria ser combatida.

A historia cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler (...) As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 1985, p.17).

Não podemos negligenciar uma questão importante: o teor político dos livros de Jorge Amado. Deste modo, a base de sua Literatura é o engajamento, não necessariamente partidário, como vemos ao longo dos anos, especialmente nos fins dos anos 1950, mas no contexto de *Jubiabá* especificamente, na década de 1930 onde não só o Brasil, mas todo o mundo, vivia uma densidade de impasses, rupturas e redescobertas políticas, os livros de Amado soaram como importantes panfletos de denúncia e crítica social, não à toa foram queimados em praça pública durante o Estado Novo e o autor, além de prisões, teve que lidar com a restrição de publicação e vendas de seus livros durante a década, como coloca Rettenmaier:

A fogueira pública de livros e de material impróprio é uma circunstância recorrente na história universal das repressões políticas. Seja na China de Chi Huang-Ti, em 213 a.C.; na Roma de Calígula, no período teocêntrico medieval ocidental (quando também aplicava-se a fogueira como pena capital), ou ainda, no século XX, na fogueira nazista de 10 de maio de 1933 ou nas ditaduras latino-americanas e nos regimes socialistas autoritários, de alguma forma, a queima e a destruição de livros prestavam-se como uma forma espetacular de manifestação de poder. (RETTENMAIER, 2009, p.163).

Vistas as apreensões de alguns leitores em relação à *Jubiabá* é necessário que coloquemos à disposição do leitor algumas de nossas considerações concernentes à narrativa. Obviamente, não pretendemos com isso eleger uma análise que se pretenda totalizante e vise todos os aspectos da

narrativa, algo inviável diante na nossa limitação laudatória, mas pretendemos expor ao nosso leitor alguns aspectos que mais nos chamaram atenção e que podem servir como suporte para uma futura (re) leitura do texto literário.

3. *Jubiabá*: breves reflexões com base no texto literário e nos discursos que consagraram a obra

A história de *Jubiabá* é em sua totalidade um complexo de dramas que giram em torno do personagem principal: Balduíno. A história se passa em vários contextos e lugares, todos os personagens que aparecem formam uma teia de relações em torno do protagonista que serve não apenas para o desenvolvimento da narrativa como, e principalmente, para o desenvolvimento de Baldo. A trama é complexa e cruel e parece caminhar para um único fim: a militância operária realizada na greve; e todos os demais personagens existem para tornar isso possível. A centralidade em Baldo é aspecto uniforme em toda a narrativa, embora o livro carregue como título o nome de outro personagem que, se não é protagonista, é a representação máxima de conhecimento, respeito, sobriedade e salvação para os moradores do Morro que sempre a ele recorrem, Jubiabá ensina a Baldo como o mundo se organiza, o mundo dual e maniqueísta, do “olho da piedade”, esse olho que quando “seca” causa tudo que é ruim, é ele quem apresenta à criança desolada pela morte da tia a força libertadora de Zumbi dos Palmares. Então, podemos concluir que a formação de Baldo, pelo menos a inicial, deve-se à Jubiabá, isso fica claro quando, nas páginas finais:

Antônio Balduíno vai para a casa de Jubiabá. **Agora olha o pai-de-santo de igual para igual.** E lhe diz que descobriu o que os ABC ensinavam, que achou o caminho certo. Os ricos tinham secado o olho da piedade. Mas eles podem, na hora que quiserem, secar o olho da ruindade. **E Jubiabá, o feiticeiro, se inclinava diante dele** como se fosse Oxolufã, Oxalá velho, o maior dos santos. (AMADO, 1978, p.325) (grifos nossos)

Neste momento não poderíamos analisar com afínco todas as 331 páginas do romance, porém, daremos ênfase aos pontos destacados anteriormente pelos comentários apresentados. A crítica levantada por José Lins do Rêgo pode ser compreendida em aspectos da citação supracitada. Naquele momento, Baldo poderia olhar Jubiabá de igual para igual e poderia, por ter atingido a plena compreensão do mundo, daquele mundo em que vivia, por compreender que aquela forma sofrida em que vivera durante as centenas de páginas anteriores, toda fome, mendicância, dor, perda de amigos, fugas e exploração era culpa dos ricos, da “secura dos seus olhos da piedade”, mas essa compreensão não era suficiente para que Jubiabá, o velho que carregava as marcas da escravidão, a ele se inclinasse. Ele precisava, portanto, compreender que era possível “secar o olho da ruindade”, e esta possibilidade estava visível na greve de outrora, aquela que parou a cidade e mostrou a força dos trabalhadores.

Está aí a crítica de José Lins, quando ele diz que “o Jorge Amado interessado, mas interessado demais, quer torcer o caminho do outro, do que sabe ir às fontes da vida, ao âmago das coisas”. Todo o caminho seguido por Baldo é demarcado por um apelo ao heroísmo do personagem, suas fugas são sensacionais, dramáticas, seus envolvimento com mulheres são intensos e rápidos, pois nada pode comprometer sua liberdade, liberdade necessária para a luta operária. O caminho para a greve é demasiadamente exagerado, é um caminho quase predestinado, não haveria outra possibilidade para o personagem e aí concordamos com Rêgo quanto aos exageros do romancista baiano.

A perspectiva dual da sociedade é um aspecto muito forte na narrativa. A isto se deve a forma como o escritor organizava, na época, sua forma de ver a estrutura social, compreendida através da distinção entre detentores da força de trabalho *versus* detentores do capital, portanto, pobreza/riqueza, explorado/explorador; existindo para esta realidade apenas uma arma capaz de modifica-la: a consciência de classe e a personificação da greve no trabalhador conscientemente politizado. Passando por este tema, é interessante atentarmos para uma questão importante e crucial na literatura de Jorge Amado; seus livros são catalisadores de enredos menores que se reencontram em uma trama maior que é toda a sua obra. Alguns personagens coexistem em vários livros, como em continuidade as suas vidas, e isso é possível por existir uma trama maior que envolve toda a obra do baiano.

Quando Baldo foge, ainda criança, da casa do comendador, ele forma um grupo de crianças e adolescentes de rua que continua em *Capitães da Areia*, grupo este que não só continua como se desenvolve e dar força ao movimento grevista iniciado em *Jubiabá*. Para tornarmos mais clara nossa afirmação ao leitor, citamos a presença de Guma e do *Paquete Voador* nas páginas 150-151, apresentados neste romance e desenvolvidos, posteriormente, como protagonistas de *Mar Morto* (1936), esta estratégia de escrita de Jorge Amado certamente não se dava involuntariamente, pois, ao se colocar como “contador de histórias”, histórias que ele defendia como reais, ele construía uma grande trama de personagens que se estendia em fragmentos e seriam desenvolvidos em cada romance, não é incomum encontrar seus personagens viajando por vários livros. Além disso, Jorge Amado constitui um tipo de personagem que apresenta sempre as mesmas características, apenas moldadas de acordo com cada enredo. Assim, aspectos gerais da sua narrativa como a negritude, a vagabundagem libertadora, o heroísmo, a sensualidade, a força física, o carisma, dentre outras, são recorrentes nos seus/suas protagonistas.

Assim, o livro já é iniciado com este aspecto da dualidade. A luta entre o branco e negro antecipa ao leitor a atmosfera da narrativa. É visível, inclusive pelas falas daqueles que assistem, “Quedê o derrubador de brancos?” (p.17), que a luta travada entre Baldo e Ergin, o alemão, é uma metáfora utilizada pelo autor para apresentar ao leitor a luta que será travada por Balduino em toda

sua trajetória: a luta contra o branco rico e explorador, pois, o branco pobre se torna negro, de tão explorado que é, “A gente é negro, eles são brancos, mas nesta hora tudo é pobre com fome...” (p.292). Durante toda a narrativa este é o tom usado não somente pelos personagens, como pelo narrador. O sujeito inexistente, o que prevalece é o negro ou o branco, o pobre ou o rico, essas categorias definem e estereotipam todos os personagens que se perdem na multidão não existindo individualidades.

Desta maneira caminha a narrativa, da infância de Baldo entre o Morro e a loucura da tia, à estadia na casa do Comendador, à maldade de Amélia, à amizade e superação encontradas nas ruas livres da Bahia. Dessa infância pobre e educada por suas principais referências, Zé Camarão e Jubiabá, Baldo ouvia e aprendia as profissões possíveis às crianças do morro: malandro, desordeiro, ladrão (p.35). Entre o cais, a Macumba e a Lanterna dos Afogados Baldo vai aumentando cada vez mais seu desejo e encanto pelo mar e seus caminhos imprevisíveis, ele almeja a liberdade de grandes viagens. Sua primeira viagem terminou em plantações de fumo, que por um tempo permaneceu no trabalho demasiado desgastante. É neste momento que se dá um dos acontecimentos mais criticados pelos leitores cadastrados no *Skoob*, a morte de Laura, mãe da pequena Arminda.

Antes de levar o leitor ao leito de Laura, Jorge Amado desenvolve em páginas a crueldade da vida sofrida dos trabalhadores nos campos de fumo. A vida era sofrida em todos os sentidos, mas, um aspecto é recorrentemente enfatizado: a ausência da figura e prazeres femininos. Neste cenário, os homens são retratados principalmente através do apelo ao instinto sexual que, diante da abstinência, não enxergam os limites impostos pela convivência social. É neste ponto que Arminda, de apenas doze anos, torna-se o alvo a partir da perda da mãe; uma vez sozinha no mundo, sem proteção aparente, não existiria empecilho para seu trágico futuro. No entanto, não podemos obscurecer que este não é o primeiro momento na narrativa em que aparece o cruel destino das meninas pobres, que, quando não eram levadas à prostituição pela fome e pelo abandono, são por outras vias, como, por exemplo, a exploração sexual realizada, e ignorada, por homens de posse, a exemplo do Coronel Anastácio (p.163).

A prostituição é encarada pelo autor como um destino de difícil escapatória às meninas pobres, quando elas não se tornam objetos sexuais é porque houve muita luta contra isto, é o caso de Livia em *Mar Morto*, quando Guma morre e ela não se dá à prostituição ela se torna um marco entre as personagens amadianas. No entanto, ser prostituta não é, nos romances de Amado, um ato anti-heroico ou desprezível, é uma fatalidade, e aí a culpa é de uma sociedade falso moralista e exploradora, ou é uma escolha, e neste caso funciona como uma arma social, como é visto, por exemplo, em *Tieta*. Acreditamos que o principal motivo da repulsa sentida pelos leitores anteriormente citados se dar não apenas pela idade da menina, mas pela insensibilidade dos personagens em desejá-la diante da morte de sua mãe: “Ele é um machista, estrupador, brucuto e

ainda por cima PEDÓFILO!! Como ele não só se sentiu atraído por uma menina de 12 anos como também tentou estrupa-la no enterro da mãe?!” (*sic*) (Comentário 3). Na nossa leitura existe por parte do autor a intenção não apenas de criticar, como de denunciar essas situações, no entanto, para fazê-lo, ele se utiliza de uma escrita bastante descritiva e sem a presença de marcadores que julguem as atitudes dos personagens, na intenção de chocar o leitor e alertá-lo, fazê-lo reagir.

Em linhas gerais, o desenvolvimento da narrativa é expressivo para os encontros de Baldo com outros personagens que o desenvolvam para a greve. Sua fuga heroica da plantação, a viagem de trem, a passagem pelo circo em falência e seu retorno à Bahia o levam à Lindinalva, que não é apenas seu amor platônico e impossível, marcas da impossibilidade na cor e lugar social do personagem, mas Lindinalva existe na narrativa, sobretudo, para tornar possível a entrada de Baldo na greve, pois quando cabe a ele os cuidados do filho da amada seu desejo pela luta em prol da igualdade cresce:

Para ajudar o filho de Lindinalva o negro Balduino entrou para a estiva no lugar de Clarimundo que o guindaste matara. Ia ter uma profissão, ia ser escravo da hora, dos capatazes, dos guindastes e dos navios. Mas se não o fizesse só lhe restaria entrar pelo caminho do mar. (AMADO, 1978, p. 287)

Lindinalva, portanto, funciona como a salvadora de Baldo, por ela ele entra na greve e esta lhe esclarece o mundo, salva-lhe ao mostrar o caminho da luta pela liberdade, luta esta que ele um dia levará pelo mar a todos. Deve estar aí a poética tão elogiada por Rachel de Queiroz, ela, que como Jorge Amado, via na luta operária a salvação dos homens explorados. Voltado ao seu lugar socialmente politizado, forte em uma ideologia de esquerda, Jorge Amado escreve *Jubiabá*, um livro denso e impossível de se esgotar nestas páginas, no entanto, passível de ser lido e apreendido de formas múltiplas.

4. Considerações finais

Chegamos ao final deste trabalho com a sensação de dever cumprido, não apenas pelas linhas que caminham para a conclusão desta escrita, mas, e principalmente, pelos anos dedicados com afinco a este curso. Compreendemos que pela grandiosidade da obra amadiana e pela riqueza narrativa encontrada no romance *Jubiabá* muito mais poderia ter sido discutido e problematizado aqui, mas nosso principal objetivo nunca foi esgotar os debates sobre autor e obra, até mesmo por encarmos como ingênua esta pretensão, nosso objetivo central foi, desde o início, acrescentar informações e reflexões ao debate acadêmico sobre a literatura de Jorge Amado.

Fez-se necessário ler os discursos de Rachel de Queiroz e Lins do Rêgo para tomarmos

consciência da leitura crítica realizada pelos pares do escritor baiano. Complementa-se à esta atividade a reflexão em torno das leituras realizadas por “leitores comuns” e contemporâneos ao autor, suas impressões e interpretações foram importantíssimas para pensarmos as diversas maneiras de ler o texto literário. Assim, não colocamos como primordial para este trabalho a análise detalhada do romance em questão, uma vez que compreendemos que existem diversos trabalhos que cumprem esta tarefa, nosso principal objetivo foi ressaltar aspectos referentes à leitura crítica do texto literário e suas apreensões.

Seja recepcionado com críticas positivas ou negativas, Jorge Amado é hoje um dos principais autores brasileiros, um dos pilares do nosso mercado editorial e um ícone no que se refere a traduções. Não podemos negar a importância do baiano para a Literatura Brasileira que se faz reconhecida em dezenas de países também pelos seus livros. A produção literária é capaz de causar fortes impactos sociais, na medida em que lida com sujeitos que a ela reagem, essa reação é essencial para que haja uma tomada de posição em relação ao mundo social em que vivemos, e, quando nos deparamos com produções engajadas e comprometidas, como as de Jorge Amado, isto fica ainda mais evidente. Concordamos com Cândido (1995) quanto ao caráter humanizador da Literatura:

[...] aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 1995, p. 249)

Concebemos a Literatura com uma das mais ricas e férteis fontes de conhecimento de uma sociedade, não à toa ela funciona cada vez mais como objeto de estudo nos mais variados campos das Ciências Humanas. Aqui, ela cumpriu seu papel e enriqueceu nossos conhecimentos sobre a sociedade vivida e escrita pelo sujeito Jorge Amado na década de 1930. Esperamos que ela sirva continuamente, e cada vez mais, para a formação de sujeitos históricos e sociais responsáveis e ativos ao seu contexto e sua realidade social, pois “Ela não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver”. (CANDIDO, 1972, p. 806).

ABSTRACT

The present article has as the object of study Jorge Amado's book: *Jubiabá* (written in 1935) to carry out analysis and reflections about Amado's literature. We highlighted the work production and publication analysis context, and, then we presented a bibliographical revision about the theme, complementing it with the relation the author develops, at the moment of writing, with his intellectual companions. In the meantime we understand Literature as a production which carries a strong social expression and impact that allows us to analyze some receptions of the book and its author to comprehend the possibilities of apprehending the literary text through the comments of contemporary readers on the Skoob virtual platform. The theoretical scope that directs the research here performed is defined by Roger Chartier in his assertive analysis about reception, appropriation and reading practices. Finally, we highlighted the confluences of such perspectives in a brief way of how to read the work in its social and critical perspective.

Key words: Literature, Jorge Amado, *Jubiabá*, Reception.

5. Referências

AMADO, Jorge. **Jubiabá**. 35ªed. Rio de Janeiro, Record, 1978.

_____, **Jorge Amado: 30 anos de literatura**. Editora Martins, 1961.

COSSON, Rildo. **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2014. 192p.

JOUBE, Vicent. **A Leitura**. Trad. Brigitte Hervor. – São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. **Comunidades de Leitores**. IN: _____. A ordem dos livros. Trad. Mary Del Priori. Brasília: editora UNB,1999.

_____. **A História Cultural entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Instituto de Cultura Portuguesa, 1985.

CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. In: Ciência e cultura. São Paulo, v. 24, n. 9, set. 1972, p. 803-809.

_____. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado: romance em tempo de utopia**. Natal: UFRN, Editora Universitária, 1995.

RAILLARD, Alice. **Conversas com Jorge Amado**. Editora Asa, 1990.

RETTENMAIR, Miguel. **A fogueira de livros e a era do computador**. In: Zilberman, Regina&Rosing, Tania M. K (Organizadoras). Escola e Leitura: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Globo, 2009.

ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. **As cores da revolução: a literatura de Jorge Amado nos anos 30**. São Paulo, Annablume, Fapesp; Unicamp, 2009.

SOARES, Thiago de Oliveira. **O scoob e a legitimidade das obras literárias**. Maringá 2016.
Disponível em: [file:///C:/Users/walmart/Downloads/Ana%20-%20SKOOB%20\(2\).PDF](file:///C:/Users/walmart/Downloads/Ana%20-%20SKOOB%20(2).PDF).

SWARMAKAR, Sudha; FIGUEIREDO, Ediliane Lopes Leite de; GERMANO, Patrícia Gomes (organizadoras). Nova leitura crítica de Jorge Amado. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

TÁTI, Miécio. **Jorge Amado: vida e obra**. Editora Itatiaia Limitada, Belo Horizonte, 1961.

VEIGA, Benedito...[et al.]. **Jorge Amado de todas as cores**. Salvador: Fundação Pedro Calmon, Anajé: Casarão do Verbo, 2011.